

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

150 anos



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863-2013

Patrocinador oficial
FUNDAÇÃO MILLENIUM BCP

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins, César Neves
Design gráfico: Flatland Design

Produção: DPI Cromotipo – Oficina de Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 400 exemplares
Depósito Legal: 366919/13
ISBN: 978-972-9451-52-2

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2013

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Os desenhos da primeira e última páginas são, respectivamente, da autoria de Sara Cura e Carlos Boavida.

Patrocinador oficial



Apoio institucional



CONTRIBUTO PARA O CONHECIMENTO DO CONCELHO DE ARRAIOLOS: O PROJETO LAPA

Leonor Rocha / CHAIA / Universidade de Évora / lrocha@uevora.pt
Ivo Santos / CHAIA / Universidade de Évora / ivojfs@gmail.com

RESUMO

O projeto “Levantamento Arqueológico e Patrimonial de Arraiolos – LAPA”, da responsabilidade dos signatários, tem por objetivo rever e atualizar os dados arqueológicos e patrimoniais referentes ao atual concelho de Arraiolos.

Os trabalhos de campo realizados nos últimos 3 anos incidiram nas áreas que se encontravam com maiores lacunas na investigação, quer por existir um aparente vazio, quer por a informação existente se reportar a trabalhos antigos. Os resultados obtidos permitiram colmatar algumas das lacunas existentes e, paralelamente, ampliar significativamente o universo de sítios conhecidos sobretudo no que diz respeito à Pré-História Recente e à Época Romana.

Esta comunicação pretende dar a conhecer os diferentes tipos de vestígios identificados até ao presente, nesta área, procurando simultaneamente perceber as suas dinâmicas de povoamento.

ABSTRACT

The project “Levantamento Arqueológico e Patrimonial de Arraiolos – LAPA”, responsibility of the signatories, aims to review and update the data archaeological and heritage related to the territory of Arraiolos, Évora, Portugal.

The field work in the last three years focused on areas that were with larger gaps in research, either because there is an apparent void, either because the existing information was reported on ancient works. The results obtained allowed to fill some of the gaps and significantly expand the universe of known sites especially with regard to the Recent Prehistory and Roman era.

This communication aims to present the different types of findings identified to date in this area, while seeking to understand the population dynamics associated.

1. ENQUADRAMENTO DO PROJETO

O projecto “Levantamento Arqueológico e Patrimonial de Arraiolos – LAPA” foi apresentado em 2010, ao IGESPAR, no âmbito dos Planos Nacionais de Trabalhos Arqueológicos (PNTA). Este trabalho surge na continuidade dos trabalhos anteriormente desenvolvidos por um dos signatários (LR) no Alentejo Central, os quais foram englobando, ainda que parcialmente, o atual concelho de Arraiolos.

Apesar de vários investigadores terem trabalhado na área, verificava-se que uma parte substancial do Concelho permanecia por prospectar; efectivamente, fora da folha 437, objeto de um primeiro estudo

no âmbito de Carta Arqueológica (Silva & Perdigão, 1998) e dos trabalhos realizados pelo casal Leisner (Leisner & Leisner, 1959) os restantes dados disponíveis eram ainda muito parcelares e encontravam-se distribuídos em publicações diversas.

Assim sendo, pretendia-se dar continuidade aos estudos realizados neste Concelho, contextualizando, numa perspectiva mais ampla, a informação reunida, pelo que este projecto apresentava duas vertentes: por um lado dar continuidade aos trabalhos anteriormente desenvolvidos de identificação e/ou realocação de sítios arqueológicos ou com valor patrimonial e, por outro, integrar e analisar a informação numa perspectiva de se poderem vir a desen-

volver, no futuro, outros trabalhos, nomeadamente de escavações arqueológicas.

Os trabalhos de campo realizados incidiram assim¹, em primeiro lugar, nas áreas que se encontravam com maiores lacunas na investigação, quer por se tratar de espaços aparentemente vazios de informação, quer por a informação existente se reportar a trabalhos antigos.

2. OBJETIVOS E METODOLOGIAS

Para além dos avanços científicos que este tipo de trabalhos deve necessariamente aportar e que são fundamentais para o conhecimento e a valorização dos patrimónios concelhios, foram definidos à partida um conjunto de objetivos que consideramos essenciais:

1. Registrar o maior número de sítios independentemente da sua cronologia ou tipologia;
2. Ampliar a base de dados sobre o património arqueológico concelhio, de forma a constituir um instrumento útil na gestão do território, cuja eficácia depende, naturalmente, da localização precisa dos vestígios;
3. Identificar, caracterizar e, eventualmente, valorizar os sítios arqueológicos com maior potencial turístico-cultural;
4. Realizar intervenções/sondagens arqueológicas em alguns dos locais com maior interesse científico ou em vias de destruição.

Atendendo a estes objetivos específicos estabeleceu-se uma metodologia genérica que se foi ajustando à medida que os trabalhos se desenvolviam:

- a) Numa primeira fase, procurou-se obter um conhecimento do território a nível geográfico, geológico e geomorfológico (o relevo, os solos, a rede hidrográfica, os recursos e as fontes de matérias primas), através de uma inspeção geral da área;
- b) Através da análise dos dados conhecidos definiu-se um quadro cronológico – cultural da evolução do povoamento, definindo as áreas de ocupação preferenciais.

1. Agradecimentos: Os autores agradecem o apoio financeiro e logístico da Câmara Municipal de Arraiolos e o apoio técnico e científico da Universidade de Évora / CHAIA / Laboratório de Arqueologia Pinho Monteiro. Agradecemos igualmente a todos os alunos de Arqueologia do 1º e 2º Ciclo da UE e da UAL que participaram nestes trabalhos.

- c) Deu-se também especial atenção a existência de arte rupestre (covichas ou outro tipo) e, a eventual reutilização de menires.
- d) A recolha exaustiva de materiais arqueológicos colocava-nos alguns problemas. A experiência anterior alertava-nos para dois tipos de situações; a gestão dos materiais recolhidos e a dificuldade do sítio poder vir a ser realocado por posteriores investigadores. Face a esta situação, optou-se por recolher o menor número possível de materiais. Os materiais eram recolhidos apenas para serem fotografados e foram deixados no terreno.
- e) Em termos cartográficos, também se tem verificado que a maioria dos investigadores opta por localizar os sítios apenas com um símbolo (normalmente são usadas formas geométricas como bola, triângulo, quadrado). Esta opção parecia-nos viável para sítios de reduzida dimensão mas não é eficaz para uma villa romana, por exemplo. A deficiente delimitação de um sítio arqueológico tem implicações diretas na sua preservação, caso se venha a implantar um qualquer projeto na área. Sendo uma Carta Arqueológica, também, um instrumento auxiliar na gestão do território que deve ser usado pela autarquia na administração do concelho, optou-se por delimitar os sítios de maior dimensão através de polígonos.
- f) A questão da variabilidade da visibilidade dos terrenos ao longo do ano foi outra das questões analisadas pela equipa. De modo a minorar este problema optámos por realizar trabalhos de campo em diferentes períodos do ano. Sempre que as condições de acessibilidade o permitirem realizaram-se prospecções sistemáticas nas áreas que nos pareciam mais favoráveis e prospecções selectivas, na restante área.
- g) Seleção dos sítios com maior potencial para posterior elaboração de uma proposta de criação de roteiros arqueológicos, tendo como objectivo a valorização e divulgação, junto de públicos não especializados, do património do concelho.
- h) Divulgação científica dos trabalhos realizados, através da publicação de artigos e, no final dos trabalhos, de uma monografia sobre o Concelho.

3. O CONCELHO DE ARRAIOLOS: ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO

O actual concelho de Arraiolos abarca uma vasta área, 684,08 km², e é constituído [atualmente] por sete freguesias: Arraiolos, Igreja, Santa Justa, Sabugueiro, S. Gregório, S. Pedro da Gafanhoeira e Vimieiro. Situa-se na parte Norte do distrito de Évora, perto do limite com os distritos de Santarém e Portalegre, na transição, segundo a carta das Regiões Naturais do Atlas do Ambiente, da região natural do Ribatejo com a do Alentejo, sub-região da Charneca de Ribatejo-Sul.

Geologicamente, abrange essencialmente o substrato antigo, na maior parte constituído por granitos. Junto à ribeira do Divor existe uma mancha de rochas graníticas, a que se segue o complexo montmorilonético com arcoses, formações de detritos grosseiros, mal rolados de aspecto torrencial e com episódios calcários (Carvalho, 1968, p. 155). As aluviões modernas encontram-se ao longo dos principais vales da região e são compostas por areias e cascalheiras com algumas intercalações argilosas. Os vales das ribeiras da Têra e do Divor apresentam este tipo de formações. A Norte aparecem ainda depósitos constituídos por grés argilosos, com seixos miúdos e também cascalheiras de elementos subangulosos. Em termos hidrográficos, o concelho de Arraiolos pertence à bacia hidrográfica do rio Sorraia, subsidiária da margem esquerda do Tejo. Atualmente apresenta uma grande irregularidade fluvial, de estiagem mais severa e escoamento mais concentrado (Ramos, 1994, pp. 115-116). Estas condições devem-se, por um lado, à escassez pluviométrica, quer em quantidade, quer em número de dias de chuva e, por outro, à pouca permeabilidade do substrato predominantemente xistento, que dificulta a infiltração e favorece o escoamento superficial. Estes factores conduzem à pobreza das reservas hídricas subterrâneas, nos períodos não chuvosos, e a grandes caudais nos períodos de maiores precipitações. Mesmo as principais ribeiras do concelho, a do Sabugueiro, do Divor, da Têra, do Freixo, do Almansor e a de Arraiolos não têm, nos nossos dias, caudal permanente.

Segundo a carta do Atlas do Ambiente referente ao escoamento, esta área apresenta valores muito baixos tanto na quantidade de água na rede hidrográfica, na ordem dos 150 mm – valores médios anuais – como nos recursos aquíferos subterrâneos, com

produtividades médias entre 50 e 100 m³/dia.km². Em relação à topografia, podemos considerar que à cobertura terciária estão associadas formas de relevo suaves, enquanto, ao substrato antigo, embora peneplanizado, correspondem relevos mais irregulares, marcados pela presença de grandes afloramentos graníticos.

Quanto à qualidade dos solos, os granitos determinam, em geral, um fraco potencial agrícola (classes D e E), enquanto nas formações terciárias se observam duas situações distintas: nos terrenos argilo-calcários do Oligocénico, ocorrem boas manchas de solos agrícolas (classes B e C) e nos terrenos Mio-Pliocénicos do complexo greso-argiloso e conglomerático dos planaltos, predominam os solos sem qualquer aptidão agrícola (classe E).

De acordo com a Carta Agrícola e Florestal, do Atlas do Ambiente, os solos têm uma utilização agro-florestal. Os terrenos incultos surgem nas áreas de declives mais acentuados ou com afloramentos. Aqui a vegetação atual é constituída por montado de azinheira, estevas e outras espécies arbustivas, integrando-se, segundo a Carta Ecológica (Fito-edafo-climática), na zona ecológica submediterrânea com *Quercus suber*, *Pinus pinastes*, *atlantica*, *Pinus pinea*, *Quercus faginea* e *Olea europaea sylvestris*. No mapa de 1868 relativo à arborização geral do reino (Silbert, 1978, p. 81), esta área apresentava-se com extensas áreas incultas, povoadas por animais selvagens (Silbert, 1978, p. 406).

Nas Memórias Paroquiais de 1758 refere-se como principais “frutos” da terra o pão (trigo, centeio e cevada), o vinho e o azeite. Sobre as outras atividades existentes, menciona a pesca realizada na Ribeira de Têra “os pêxes que teem são pilões, bordallos, bogas, e pardelhas; as pescarias, que ordinariamente se fazem nella são de redes, e canna”.

Em termos climáticos, e a nível geral, podemos considerar que existem grandes contrastes térmicos devido às elevadas temperaturas atingidas no verão. Os invernos apresentam-se moderados nas áreas topograficamente menos acidentadas e frescos nas áreas deprimidas do interior (Daveau, 1985, p. 48).

4. OS DADOS ARQUEOLÓGICOS

Ao iniciarmos este trabalho estavam registados na base de dados Endovélico 337 sítios arqueológicos dispersos por uma trintena de categorias (Achados Isolados, Anta, Arte Rupestre, Chafurdão, Convento,

Forno, Fortificação, Fortim, Fossa, Habitat, Inscrição, Lagareta, Mamoa, Mancha de Ocupação, Menir, Moinho, Monumento Megalítico, Necrópole, Nicho, Pedreira, Ponte, Povoado, Povoado Fortificado, Recinto, Templo, Vestígios de Superfície, Vestígios Diversos, Via, Villa), da Pré-história recente ao Período Moderno (Figura 1).

A análise cartográfica dos dados existentes permitenos, desde logo, verificar a desigualdade dos dados, na área do concelho, com uma maior concentração na Folha 437, resultante dos trabalhos mais sistemáticos de António Carlos Silva e José Perdigão, na última década do séc. XX (Silva & Perdigão, 1998). Os outros sítios referenciados resultam essencialmente de trabalhos de investigação realizados por M. Calado e L. Rocha (Calado, 2001, 2004; Rocha, 2005) e do casal Leisner (Leisner & Leisner, 1959). Foi a partir desta situação de referência que se delinaram os trabalhos de prospeção arqueológica realizados no âmbito deste projeto. No primeiro ano ainda se realizaram alguns trabalhos de realocização de sítios no entanto, face ao pouco tempo disponível anualmente (um mês), rapidamente se optou por investir sobretudo em áreas com menos informação. No decurso deste período foram identificados e/ou revistos 281 sítios. Destes 82 (29%) já se encontravam referidos por trabalhos anteriores e 199 (71%) são inéditos (Mapa 1). Se confrontarmos os dados obtidos por este projeto, com os registados na base de dados do governo, Endovélico, verificamos que, até ao presente, houve um acréscimo de 59% de sítios no concelho, da Pré-história ao Contemporâneo (Gráfico 1).

Em termos gerais, estes sítios encontram-se dispersos por todo o concelho, mas com menor incidência no lado Este do concelho, uma vez que se optou deixar a freguesia do Vimieiro para o último ano do projeto, a decorrer.

A evidência disponível deixa supor a existência de áreas preferenciais, em determinados períodos cronológicos. Os terrenos com condições favoráveis para a pastorícia, mais acidentados e pedregosos, por vezes associados a maiores concentrações de afloramentos graníticos, apresentam maior número de sítios mais antigos, dentro do Neolítico. Por outro lado, nas áreas mais aplanadas e abertas, com solos mais férteis e aptos para a agricultura de sequeiro temos uma maior concentração de sítios romanos e/ou posteriores. As sobreposições de ocupações também são relativamente recorrentes e ocorrem

sobretudo entre sítios neolíticos e romanos e, posteriormente, entre os sítios romanos e medievais.

Paralelamente, os vestígios arqueológicos concentram-se sobretudo nas imediações dos principais cursos de água, em todos os períodos cronológicos. É de realçar o conjunto de moinhos de água existentes ao longo das principais ribeiras do concelho de Arraiolos os quais se encontram em diferentes estados de conservação. Associados a esta atividade identificou-se, nas imediações de vários moinhos, algumas mós. Umavam já concluídas mas nunca chegaram a ser removidas, outras estavam semi-acabadas.

Aparentemente o lado Noroeste do concelho apresenta menos vestígios de povoamento. De fato, não obstante as várias incursões que se fizeram nesta área, apenas identificámos mais alguns afloramentos com arte rupestre ou alguns achados isolados, pouco expressivos. Trata-se de uma área de terrenos arenosos que ainda hoje se encontra bastante desocupada, sendo mais vocacionada para o montado e pastoreio. Nas áreas de terrenos com maior aptidão agrícola devemos ainda atender ao fato de serem terrenos muito remexidos pelas lavouras e, nalguns casos, bastante alterados pelos antigos arrozais.

5. NOTAS FINAIS

O projeto de Carta Arqueológica encontra-se no último ano, prevendo-se a publicação da monografia no final de 2013.

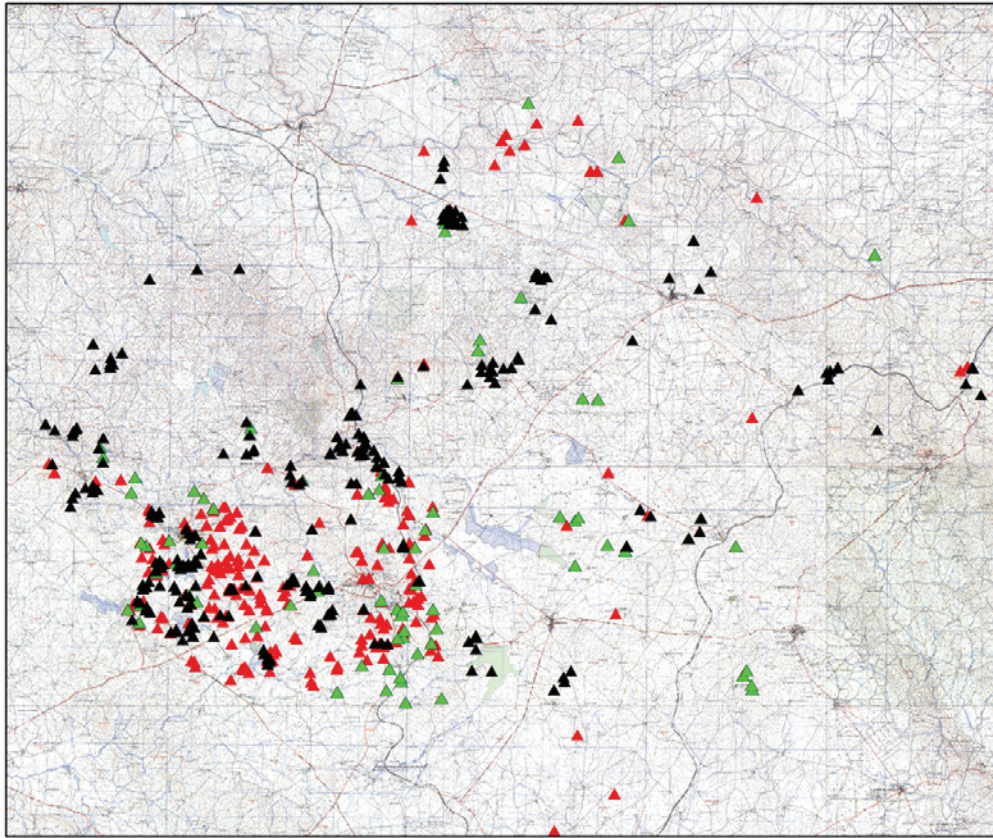
Atendendo aos objetivos iniciais e aos resultados obtidos consideramos que se conseguiram cumprir praticamente todos os pressupostos iniciais. Na realidade, e apenas por falta de tempo, não chegámos a realizar nenhuma intervenção (escavação) arqueológica. Dos inúmeros sítios existentes neste concelho, destacaríamos como locais a intervir, num futuro projeto, pelo que poderiam aportar de conhecimento científico e valor cultural para o concelho:

- sondagens em sítios do Neolítico antigo;
- escavação e recuperação do menir da Caeira. Este sítio esteve para ser intervir em 1996, por um dos signatários (LR), mas que acabou por não se realizar;
- escavação e recuperação da anta do Telhal – primeiro monumento megalítico funerário onde se identificou, no âmbito deste projeto, gravuras similares às dos menires (báculo e crescentes), no esteio de cabeceira;
- sondagens em sítios de cronologia romana.

BIBLIOGRAFIA

- Memória Paroquial da freguesia de Vimieiro, comarca de Estremoz [ANTT, *Memórias Paroquiais*, Vol. 41, nº 343, pp. 2077 a 2086. Em linha <http://www.portugal1758.uevora.pt/lista-memorias/47-arraiolos/89-arraiolos-vimieiro>
- Memória Paroquial da freguesia de São Gregório, comarca de Vila Viçosa. [ANTT, *Memórias Paroquiais*, Vol. 42, nº 124, p. 71]. Em linha <http://www.portugal1758.uevora.pt/lista-memorias/47-arraiolos/88-arraiolos-sao-gregorio>
- Memória Paroquial da freguesia de Arraiolos, comarca de Évora. [ANTT, *Memórias Paroquiais*, Vol. 5, nº7, pp. 599 a 604]. Em linha <http://www.portugal1758.uevora.pt/lista-memorias/47-arraiolos/86-arraiolos-arraiolos>
- ALARCÃO, J. (1974) – Portugal romano. Lisboa: Ed. Verbo.
- ALVIM, P; ROCHA, L (2011) – Os menires do Alto da Cruz: novos dados e algumas reflexões sobre o Megalitismo da área de Brotas (Mora). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 14, pp. 41-55.
- AZEVEDO, P. (1896) – Extractos Archeologicos das “Memórias Parochiaes de 1758”. *O Archeólogo Português*. Lisboa. II, p. 137.
- AZEVEDO, P.A. (1899 - 1900) – Extractos Archeologicos das “Memórias Parochiaes de 1758”. *O Archeólogo Português*. Lisboa. V, p. 29.
- CALADO, M. (2001) – *Da Serra d’Ossa ao Guadiana. Um estudo de pré-história regional*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia; 19).
- CALADO, M; ROCHA, L. (1996-1997) – Povoamento do Bronze Final no Alentejo Central. In *A Cidade de Évora*. Évora pp. 35-55.
- CALADO, M; ROCHA, L. (1997) – Povoamento da Idade do Ferro no Alentejo Central. *Cadernos de Cultura de Reguengos de Monsaraz*. Reguengos de Monsaraz. 1, pp. 99-130.
- CALADO, M; ROCHA, L; ALVIM, P. Coord. (2012) – *O tempo das Pedras. Carta Arqueológica de Mora*. Mora: Câmara Municipal de Mora.
- GONÇALVES, J. P. (1957) – Roteiro de alguns megálitos da região de Évora. *A Cidade de Évora*. Évora. XXXII: 58 Jan-Dez, pp. 241-261.
- GONÇALVES, J. P. (1975) – Roteiro de alguns megálitos da região de Évora. Separata de *A Cidade de Évora*. Évora: [s.n.]. 58, pp. 3-25.
- HELENO, M. (1956) – Um quarto de século de investigação arqueológica. *O Archeólogo Português*. Lisboa. III, pp. 221-237.
- LEISNER, G. e V. LEISNER (1965) – *Die Megalithgräber der Iberschen Halbinsel*. Berlin: Walter de Gruyter & Co.
- LOPES, B. (2008) – *O Castelo de Arraiolos*. Lisboa: Apenas Livros.
- OLIVEIRA, C; ROCHA, L. (2010) – Intervenções arqueológicas em arqueosítios romanos nos últimos 10 anos: o caso do Alentejo. In *Espaços e paisagens: Antiguidade Clássica e Heranças Contemporâneas. História, Arqueologia e Arte*. ed. 1, 3º vol., Coimbra: Classica Digitalia, pp. 69-80.
- ROCHA, L. (1999) – *Povoamento Megalítico de Pavia. Contributo para o conhecimento da Pré-História Regional*. Setúbal: Câmara Municipal de Mora.
- ROCHA, L. (2005) – As origens do megalitismo funerário no Alentejo Central: a contribuição de Manuel Heleno. Tese de doutoramento policopiada. Lisboa: FLL.
- ROCHA, L. (2009/2010) – As origens do megalitismo funerário alentejano. Revisitando Manuel Heleno. *Promontoria*. Faro. 7/8, pp.45-98.
- ROCHA, L; SANTOS, I. (2013) – O Neolítico do concelho de Arraiolos: um ponto da situação. In *5º Congresso do Neolítico Peninsular*. Lisboa, pp. 341-349
- SILVA, A.C., PERDIGÃO, J. (1998) – *Contributo para a Carta Arqueológica de Arraiolos*. Setúbal: Câmara Municipal de Arraiolos.

ARRAIOS
Total de sítios



Triângulo negro - Projeto LAPA
Triângulo encarnado - Endovélico
Triângulo verde - Base dados M. Calado

0 1,875 3,750 7,500 11,250 15,000
Kilometers

Figura 1 – Vista geral dos sítios registados no concelho.

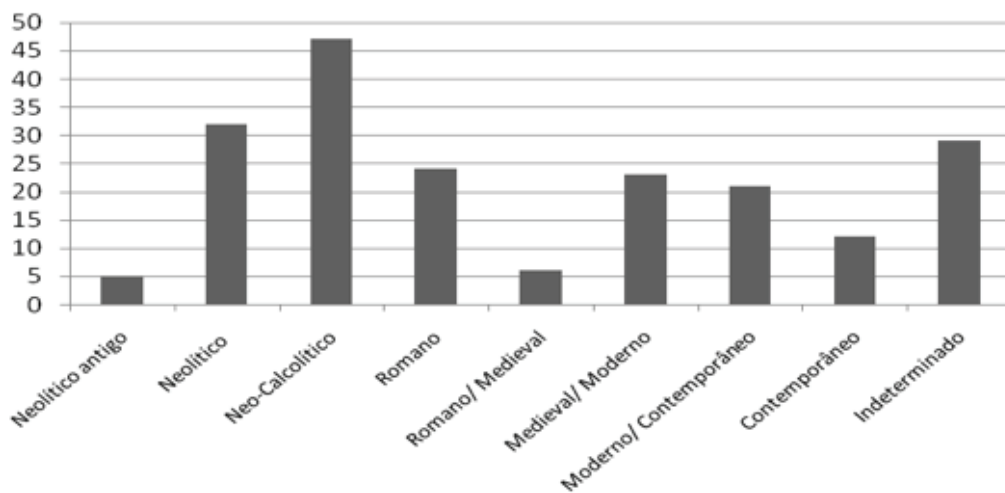


Figura 2 – Gráfico 1 – Total de sítios novos, por cronologia.



Figura 3 – Pedra das Gamelas (bibliografia).



Figura 4 – Anta de S. Gregório (inérita).



Figura 5 – Monte das Luzes 4 (inédito).



Figura 6 – Monte de Santo Estevão 6 (inédito).



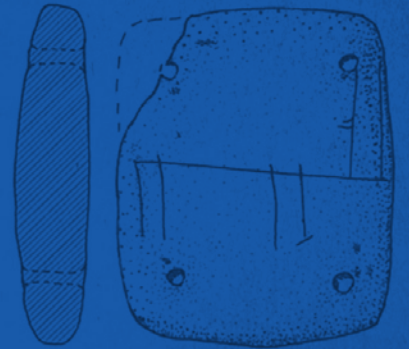
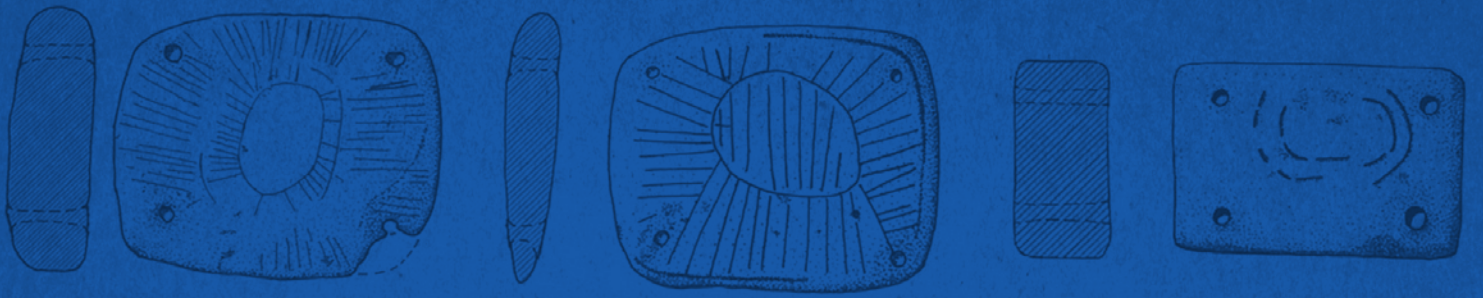
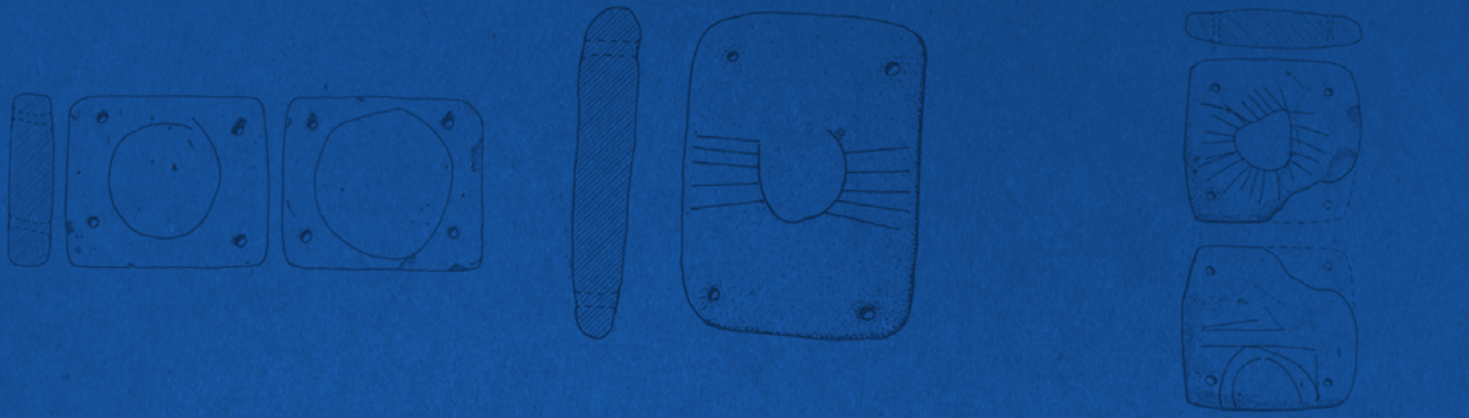
Figura 7 – Monte das Luzes (inédito).



Figura 8 – Ermida de S. Gens (bibliografia).



Figura 9 – Trabalhos de prospeção arqueológica.

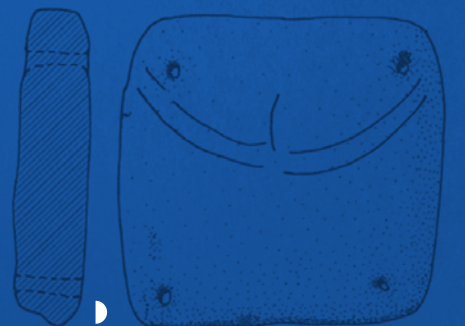


AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Patrocinador oficial



Apoio institucional



FUNDAÇÃO
Millennium
bcp

BNP
BIBLIOTECA
NACIONAL
DE PORTUGAL

 GOVERNO DE
PORTUGAL


Parques de Sintra
Monte da Lua